

“Nem todas as crianças vingam”: infância e violência de estado

Fabiana Pedreira Gelard¹

Resumo: Em *Pai contra Mãe*, Machado de Assis nos apresenta uma fração da cruel realidade do Brasil escravista. Naquele contexto capturar escravizados fugidos tornou-se um ofício, este era comum aos desempregados ou não afeitos ao trabalho, como era o caso de Cândido Neves, o protagonista da história de Machado de Assis. Para salvar seu filho de ser deixado à Roda dos Expostos pôs-se à captura de uma mulher escravizada que havia fugido. Ao ser capturada, a mulher implorou por clemência. Estava grávida e queria salvar seu filho dos horrores da escravidão. Sua súplica foi em vão. Com o pavor e após o intenso esforço para fugir dos braços de seu algoz, Arminda abortou. Com a recompensa Cândido conseguiu salvar seu filho. “Nem todas as crianças vingam”, escreveu Machado de Assis ao final do conto. E pelo que podemos constatar, atualmente, algumas crianças seguem sem vingar. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, entre os anos de 2020 e 2022, mais de 8.000 crianças e adolescentes foram assassinadas/os no Brasil, essas eram em sua maioria negras e do sexo masculino. Arma de fogo foi o instrumento mais utilizado; o homicídio e a intervenção policial seguem sendo os principais meios de vitimização. Essas crianças, tão parecidas com o filho de Arminda, não puderam vingar. Ao capturar escravizados/as, figuras como Cândido Neves, tinham como função restabelecer a ordem e a hierarquia social, que em sua base - sem poder sobre si - estavam as pessoas negras. Sua função só existia porque existia uma estrutura social que garantia e necessitava de sua existência. Atualmente, ainda que a escravização tenha sido abolida, o que se vê é a continuidade do terror colonial a partir de uma “forma social escravista” (Sodré, 2023) que, entre outras coisas, continua a ditar aqueles que devem ou não ter o direito básico fundamental à vida. Toma-se neste trabalho o assassinato de crianças e adolescentes como violência de Estado uma vez que ou ele atua diretamente na morte a partir das intervenções policiais ou indiretamente quando é ele regulador do uso das armas de fogo. Diante do exposto, objetiva-se discutir a morte de crianças e adolescentes como parte fundamental da manutenção do estado colonial na contemporaneidade. Para tanto, faz-se uso da pesquisa documental, tendo como fontes: os dados estatísticos, leis, matérias jornalísticas. Tem-se como referencial teórico para se pensar a violência e as continuidades coloniais os estudos de Achile Mbembe (2017; 2020), Muniz Sodré (2023), Judith Butler (2020). Pode-se concluir que os policiais, e aqueles que portam arma de fogo e as usam contra crianças e adolescentes, são parte desta engrenagem que insiste em impossibilitar a existência de crianças e adolescentes negras. Além disso, pode-se supor que tais figuras exercem hoje um papel muito semelhante àquele exercido por Candinho. O “inimigo” continua o mesmo: ou se captura ou se mata, por isso “nem todas as crianças vingam”.

Palavras-chave: Infância; continuidades coloniais; violência de Estado.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED/UERJ – professorafabianapedreira@gmail.com